

A praia dos afogados

Domingo Villar

Traduzido do espanhol
por Helena Pitta

SEXTANTE TOP



Afogar. 1. Matar uma pessoa ou um animal mergulhando-o na água ou impedindo-o de respirar. 2. Causar sufoco. 3. Provocar angústia, aflição ou tristeza a uma pessoa. 4. Abafar.

O inspetor Leo Caldas saiu do táxi e deu duas grandes passadas para evitar os charcos que inundavam o passeio. Entrou no vestíbulo do hospital, abriu caminho entre as pessoas que esperavam diante dos elevadores e dirigiu-se para as escadas. Subiu até ao segundo andar e avançou por um corredor ladeado por fileiras de portas fechadas. Parou diante da porta com o número 211, abriu-a ligeiramente e olhou para dentro. Atrás de uma máscara verde, um homem dormia na cama mais próxima da janela. A televisão estava ligada, sem som, e a outra cama, vazia e com os lençóis dobrados sobre o colchão.

Olhou para o relógio, voltou a fechar a porta e dirigiu-se para uma sala de visitas situada no fim do corredor. Só lá estava uma senhora de idade com roupas pretas que sobressaíam contra o fundo branco da parede. Quando Caldas meteu a cabeça, a velhota ergueu os olhos que, dececionados, regressaram ao chão depois de se cruzarem com os do inspetor.

Caldas voltou-se ao ouvir passos atrás de si. O seu pai avançava apressadamente pelo corredor. Cumprimentou-o levantando uma mão.

– Já o viste? – perguntou o pai num sussurro, quando se encontraram diante da porta fechada.

– Só daqui – respondeu Leo. – Eu também cheguei tarde. Falaste com os cirurgiões?

O pai assentiu:

– Dizem que não vale a pena operá-lo.

Ao entrar no quarto, o pai do inspetor sentou-se na cama vazia, olhando para o irmão com o nariz franzido numa expressão amarga. Leo Caldas permaneceu de pé.

Uma agulha derramava o conteúdo de vários frascos no braço esquelético do seu tio Alberto, cujo peito se erguia lentamente sob o lençol, caindo depois com brusquidão, como se cada expiração fosse um suspiro profundo. O gotejar da água destilada que filtrava o oxigénio e o assobio de ar que a máscara deixava escapar pelos lados afogavam o ruído da chuva.

Leo Caldas atravessou o quarto até à janela. Afastou a extremidade de uma cortina e, através do vidro duplo, contemplou as luzes vermelhas e amarelas dos carros engarrafados e a procissão de guarda-chuvas do passeio.

Voltou-se, alertado pelo assobio da máscara que o tio tinha afastado da cara para poder falar.

– Continua a chover? – perguntou com um fio de voz antes de voltar a colocar o respirador.

Leo assentiu, sorriu ligeiramente sem afastar os lábios e inclinou a cabeça em direção ao sítio onde o pai estava, indicando-o. O tio quis voltar a tirar a máscara para ver o irmão, mas este não lho permitiu:

– Vamos, deixa isso no sítio. Como estás?

O doente agitou uma mão e levou-a ao peito para dar a entender que lhe doía.

– Bom – comentou o irmão –, é normal que te incomode.

Depois de um momento de silêncio, o tio apontou para o aparelho de rádio pousado na mesa de cabeceira e olhou para o inspetor.

– Diz que te ouve – esclareceu o pai.

– Está bem, está bem.

O tio assentiu, fechou o punho e levantou o polegar.

– Diz que gosta – voltou a traduzir o pai.

– Está bem, está bem – disse Caldas, apontando depois para a televisão muda, que emitia um noticiário. – Acho que a televisão entretém mais.

O tio negou, abanando a cabeça, e levantou novamente o polegar na direção do rádio.

– Diz que o teu programa é melhor.

– Estás mesmo convencido de que não o entendo? – perguntou Leo Caldas ao pai. – Além disso, não é o meu programa. Eu só falo de vez em quando.

O pai olhou para o irmão, cujos olhos sorriam atrás da máscara, e Caldas observou fascinado como começavam a falar sem necessidade de palavras, olhando-se e movendo os músculos do rosto, comunicando numa linguagem que conservam aqueles que têm na infância um idioma comum.

A entrada de um médico no quarto arrancou ao doente uma careta de desgosto.

– Alberto, como tem passado? – perguntou o médico, recebendo como única resposta o balanço de uma mão.

O médico puxou o lençol e apalpou vários pontos do abdómen do doente que, no refúgio de plástico verde que lhe oxigenava os pulmões, revelava um rosto desfigurado a cada pressão.

– Num mês estará como novo – disse ao terminar o exame e, depois de piscar um olho ao pai de Leo Caldas, abriu a porta e saiu do quarto.

Os três homens permaneceram num silêncio incómodo até o tio Alberto, com um gesto, pedir ao irmão que se aproximasse. O pai do inspetor acercou-se da beira da cama e o irmão retirou a máscara.

– Far-me-ias um último favor? – perguntou com voz cansada.

O pai trocou um olhar com Leo Caldas.

– Claro.

– Ainda tens o teu livro de idiotas?

– O quê?

– Tens ou não? – insistiu o doente, esforçando-se por elevar o seu bichanar sobre o sopro do oxigénio.

– Sim, julgo que sim.

– Nesse caso, toma nota deste médico – disse, apontando com um dedo decrepito a porta por onde o médico tinha saído.

Depois colocou a máscara sobre o nariz e a boca durante alguns instantes, retirando-a novamente e voltando a sussurrar:

– É o doutor Apraces. Vais lembrar-te?

O pai de Leo Caldas assentiu, apertando-lhe suavemente o braço, e o rosto do irmão enrugou-se em volta do plástico verde ao sorrir.

Quando adormeceu, recomeçaram o gotejar da água destilada e o vaivém brusco da sua respiração.

Ao sair do hospital, o inspetor acendeu um cigarro e o pai abriu um guarda-chuva.

– Cabemos ambos – disse.

Leo encostou-se a ele e puseram-se a andar na direção do estacionamento por entre o recital de buzinas dos condutores exasperados pelo engarrafamento.

– Tens um livro de idiotas?

– Não sabias? – respondeu o pai sem olhar para ele, e Caldas reparou que tinha os olhos vidrados.

Admirou-se porque, embora depois da morte da mãe o ruído do seu pranto o tivesse acompanhado muitas noites, nunca derramara uma lágrima quando ele estava presente. Decidiu ficar para trás alguns passos apesar da chuva e permitir que o pai aliviasse a sua mágoa sem pudor.

No estacionamento, antes de entrar no carro, o pai perguntou-lhe:

– Deixo-te nalgum sítio, Leo?

– Tu para onde vais?

– Para a minha casa. Aí não há barulho.

– Vens vê-lo amanhã?

– À tarde – admitiu o pai. – Depois do almoço.

Poderia avisar o comissário bem cedo e tirar a manhã de folga. Com sorte, também chegaria tarde à rádio e o presumido do Losada teria de se desenrascar sem ele.

– Nesse caso, acompanho-te e trazes-me quando vieres.

O pai ficou a olhar para ele.

– Vais dormir a minha casa?

– Se me convidares... – disse Leo.

– Não trabalhas amanhã?

Leo Caldas encolheu os ombros, deu uma passa rápida no cigarro, atirou-o ao chão e entrou no carro.

Rescaldo. 1. Cinzas que conservam ainda brasas pequenas. 2. Resultado ou resíduo de um acontecimento ou sentimento, paixão ou afeto. 3. Trabalho preventivo para evitar o recrudescimento de um incêndio.

Nos meses de angústia que se seguiram à morte da mulher, o pai de Leo Caldas tinha visitado algumas vezes a antiga casa solarenga onde ela vivera em criança, uma casa em ruínas que mantinha apenas as paredes de pedra do seu esqueleto. Só a adega anexa, meio afundada na terra para evitar mudanças bruscas de temperatura, tinha resistido aos anos de abandono, conservando ainda no seu interior várias cubas, uma prensa arcaica de madeira, uma engarrafadora manual e outras ferramentas rudimentares. Passando pela quinta, pelos socalcos que desciam como um anfiteatro até ao rio Minho, o pai do inspetor tinha descoberto um bálsamo para o seu desalento, um alívio que a cidade lhe negava.

Num mês de outubro, vendo as uvas amadurecer até apodrecerem nas vinhas e entusiasmado com a ideia de passar mais tempo naquele lugar, decidiu voltar a fazer vinho na velha adega. Assim, depois de vários meses de leituras e de aconselhamento, começou a cultivar uma pequena parcela de terreno, a mais próxima da casa.

Com a desculpa de cuidar das vinhas, madrugavam todos os sábados e domingos para irem de carro até à quinta. Quase cinquenta quilómetros de viagem por estradas sinuosas que o estômago do pequeno Leo obrigava a serem percorridas por etapas e com as janelas abertas.

Durante os fins de semana de março mondaram o terreno e, em abril e maio, arrancaram as cepas imprestáveis. No verão,

aproveitando as férias e os dias mais longos, colocaram os postes e arames que guiariam as cepas sãs e as que iriam plantar depois da vindima, no inverno.

Nos primeiros anos, à medida que estendia o cultivo a outras paragens da quinta, o pai de Leo Caldas vendia o vinho a granel e repartia-o entre os seus conhecidos. Mais tarde, quando as novas cepas começaram a dar frutos, aplicou as suas poupanças em melhoramentos na adega para o poder engarrafar e vender etiquetado. Depressa recuperou o que investira, porque o seu vinho ia adquirindo prestígio e, embora os litros aumentassem a cada vindima, vendia sem esforço todas as colheitas.

Assim que teve idade para ficar sozinho em casa, Leo abandonou a penitência das curvas e deixou de o acompanhar à quinta. O pai esperou que o filho fosse para a universidade para deixar definitivamente o seu trabalho em Vigo e instalar-se na antiga casa familiar da mulher, que pouco a pouco fora restaurando.

As terras, que inicialmente tinham significado um alívio na sua prostração, haviam-se transformado num negócio próspero e as noites de pranto eram só uma sombra na memória.

O mesmo vinho que afundara tantos homens, salvara-o.

Quase não falaram durante o trajeto até à quinta. Embora as estradas modernas tivessem suavizado as curvas, Leo Caldas abriu um pouco a janela do seu lado e fechou os olhos ao sentar-se no carro. Manteve-se enterrado no assento, imóvel, apesar de algumas gotas de chuva entrarem pela frincha e lhe baterem na cara.

Ao lado, o pai agarrava no volante com uma mão e levava a outra à boca. Ia mordendo as unhas, sem chegar a parti-las, enquanto a sua mente viajava da infância para o quarto do hospital.

Quando chegaram à quinta, Leo Caldas saiu do carro para abrir a cancela e esperou à chuva que este passasse. Voltando a entrar no carro, e enquanto percorriam o caminho em direção à casa, pareceu-lhe ver uma sombra que se movia atrás de si. Pela janela traseira, entre os sulcos deixados pelas gotas de chuva, avistou um animal que os seguia a correr.

– Tens um cão? – perguntou Caldas, admirado.

– Não.

– Não é teu? – insistiu, apontando para trás.

O pai de Caldas olhou durante alguns instantes pelo espelho retrovisor e confirmou:

– Não, não é meu.

Desde que se apearam do carro e até chegarem à porta, o cão acompanhou-os, brincando em volta do pai de Leo Caldas. Ladrava, saltava e saía disparado sob a chuva em qualquer direção, rodando sobre si poucos metros depois e regressando a correr, ladrando de entusiasmo, abanando a cauda como um chicote e tentando lambe as mãos, a cara ou o que o pai do inspetor achasse por bem oferecer-lhe.

– Olha como me deixou! – lamentou-se o homem ao entrar em casa.

Sacudiu as calças e a camisa que as patas do animal tinham enchido de traços escuros de terra molhada e subiu a escada até ao quarto. Caldas esperou por ele no andar de baixo.

– Ainda bem que não é teu – murmurou.

Rodeou a grande mesa da sala de jantar e dirigiu-se para a sala. Sentou-se no sofá, diante da lareira que conservava ainda o rescaldo apagado de um fogo recente. Num dos lados da mesa baixa, junto de uma pilha de jornais velhos, estava uma cesta repleta de lenha.

O pai tinha mudado de roupa quando desceu.

– Empresto-te alguma coisa seca?

– Amanhã, se for preciso. Preferia secar-me à lareira. Posso? – perguntou, apontando para a lenha.

– Se souberes acendê-la... – disse o pai com desdém, antes de se escapulir para a cozinha.

Leo Caldas suspirou e aproximou-se da lareira, tirou dois grossos troncos de pinho da cesta e colocou-os na lareira. Amarroutou algumas folhas de jornal, meteu-as entre os troncos e colocou sobre o papel várias pinhas e ramos de vide que partiu em bocados pequenos. Procurou no bolso o maço de tabaco e o isqueiro e acendeu um cigarro com a mesma chama que aproximou dos jornais. Quando começaram a arder, sentou-se no sofá a fumar diante do fogo.

O pai regressou à sala trazendo na mão uma garrafa de vinho branco por etiquetar. Depois de a abrir com o saca-rolhas de parede, pousou-a na mesinha baixa e foi buscar dois copos ao armário.

– É da nova colheita – disse, enchendo os copos com um vinho ainda turvo. – Vamos lá ver o que achas.

Leo Caldas pousou o cigarro no cinzeiro e enfiou o nariz no copo. O pai imitou-lhe o gesto.

– Ainda tem de clarificar, mas o aroma já está – comentou.

– Sim, sim.

– O que achas, Leo?

O inspetor levou o copo aos lábios e, antes de o engolir, rodou o vinho na boca durante alguns segundos.

– Qual é a tua opinião? – insistiu o pai, que esperava de pé pelo veredito do filho.

Leo Caldas assentiu várias vezes e depois esvaziou o resto do copo de um gole.

Abriram outra garrafa de vinho do ano anterior e aqueceram duas taças de um caldo feito com unto, ossos de vaca, grelos, favas e batatas, que o pai do inspetor guardava no frigorífico. Para sobre-mesa comeram queijo local com a marmelada que María fazia em casa.

Quando acabaram de jantar e levantaram os pratos, Leo Caldas levou para a mesinha baixa a garrafa e os copos, encheu-os de novo e sentou-se no sofá diante da lareira acesa para onde conseguia ficar a olhar durante horas. O pai aproximou-se da estante de livros e ficou alguns minutos a remexer nas prateleiras, praguejando baixinho até encontrar um pequeno caderno encostado à parede do fundo. Tinha as capas de cartão tão gastas que não se conseguia adivinhar a sua cor original. Pegou no seu copo e foi sentar-se à mesa da sala de jantar. Ficou ali algum tempo, folheando o caderno.

Quando Leo se levantou para se servir de mais vinho, perguntou:

– É o livro de idiotas?

O pai assentiu.

– Não sei como o teu tio se foi lembrar dele. Há anos que não o abro – disse, passando as folhas repletas de nomes, de pedaços de vida associados a cada um deles.

Depois pegou numa esferográfica e deixou o caderno aberto na página onde aparecia a última anotação.

– Era o doutor Apraces, não era?

– Sim – confirmou o inspetor que, ao voltar-se para o pai, deparou com aqueles olhos brilhantes que não conhecia.

Leo Caldas deitou-se no sofá e ali ficou o resto do serão, sem erguer os olhos do fogo, para que o pai pudesse chorar a cada copo de vinho que bebia.